Os Arnaud no Cariri

Padre Antônio Gomes de Araújo

No semanário "O Município", Crato-Ceará, 1949-1951, e em meu trabalho "Concurso da Bahia na formação da Gens Caririense", Crato, 1950, provei a presença, em Missão-Velha, no século 18, de João Correia Arnaud, seu fundador; de 9 filhos e mais 11 consanguíneos seus, baianos, como êle, e, com êle, chegados ao Cariri simultâneamente, conforme insinuam os documentos coévos.

Dos filhos de João Correia Arnaud, 9 ao todo, 5 homens e 4 mulheres, 3 foram portadores dos títulos de capitão: José Pereira Mascarenhas, Antônio Pereira de Brito Arnaud e Francisco Pereira de Abreu. Um possuiu, sucessivamente, as patentes de Capitão de cavalos e Coronel de Milicias de Missão-Velha: Alexandre Correia Arnaud. E o quinto foi sacerdote, Joaquim de Figueiredo Arnaud (1), o qual curou Lavras da Mangabeira, de 1782 a 1813. (2)

Dêsses Arnaud, dados pelo professor Bernardino Gomes de Araújo, como filhos de João Correia Arnaud, sòmente de 2 não topei, confirmada, essa filiação, no arquivo paroquial de Missão-Velha: Antônio Pereira de Brito Arnaud e Ana de Figueiredo Arnaud.

De passagem, declaro que me curvo, quase sem pestanejar, diante de quanto escreveu o mencionado professor a respeito dos Arnaud do Cariri-Novo, pois chegou a Missão-Velha a menos de 80 anos após o falecimento de João Correia Arnaud, cuja tradição estava viva, através de seus descendentes. Privou êle com duas netas do mesmo ("O Araripe" J. Brígido, Crato, 1855-1865) e foi casado, em segundas núpcias, com uma bisneta, Ana Mascarenhas, filha de José Pereira Mascarenhas

---

(1) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1773-1810, fls. 1, 2 e 3. Num termo de casamento, lançado nesse livro, Joaquim de Figueiredo Arnaud figura como testemunha, e filho de João Corriea Arnaud.

(2) Arquivo paroquial de Icó. freguesia a cuja jurisdição Lavras pertenceu de seus inicios a 1813.

Júnior (3), cujo pai foi o citado capitão José Pereira Mascarenhas (4), por sua vez, como se viu, filho de João Correia Arnaud. (5)

Antônio Bezerra, em "Algumas Origens do Ceará", opinou pela paternidade do alferes e, depois, capitão Francisco Pereira de Abreu, sôbre João Correia Arnaud, quando o inverso é atestado pelo arquivo paroquial de Missão-Velha. (6) E confunde na mesma pessoa o Coronel de Milicias, Alexandre Correia Arnaud, filho de João Correia Arnaud (7), com seu homônimo e sobrinho Alexandre Correia Arnaud, casado com Francisca Teodora da Conceição, ou Francisca Filgueiras, irmã, de pai e mãe, do capitão-mor José Pereira Filgueiras (8), o vencedor de Fidié. Alexandre Correia Arnaud, sobrinho, era filho do citado alferes Francisco Pereira de Abreu. (9) Essas confusões de Antônio Bezerra encontram-se na obra citada, fls. 151, 152 e 153.

O professor Bernardino Gomes de Araújo, no jornal referido, dá o Sargento-mor e, em seguida, primeiro Capitão-mor da Vila de Jardim, José Alexandre Correia Arnaud, como neto de João Correia Arnaud. De fato, o foi, conforme constatei no têrmo do batisamento de Alexandre, filho do dito sargento-mor, o qual aparece, no documento, como filho de Alexandre Correia Arnaud, o mencionado Coronel de Milícias. (10) Uma filha dêsse José Alexandre, Joaquina Marreiros Arnaud de Lima, casou-se (1801) com o major Semião Teles de Meneses, filho do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (11), do Crato.

Do casal Semião e Joaquina nasceu o Padre José Alexandre Correia Arnaud. A informação está em J. J. da Rocha Filho (Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro). O A. a recebeu, segundo me assegurou Irineu Pinheiro, autor do "Cariri", do deputado geral do Império, Dr. Leandro Bezerra Monteiro, primo do referido sacerdote. De mim, sei que êsse último funcionou em Missão-Velha, 1822-1833, ora como pro-pároco, ora avulsamente, com residência no sítio "Cachoeira", conforme o proclama o arquivo paroquial de Missão-Velha. E faleceu vigário colado de Cabrobó, 14.7.1852. Li seu inventário no cartório daquela cidade pernambucana, do tabelião Manuel de Sousa Santos, Livro de "Notas", 1851-1855. Ás funções de cura somava a profissão de agricultor.

Deixou um engenho moente da indústria de rapadura. Entre outros bens arrolados, aparece uma batina nova de casemira, avaliada por 5$000. Hoje custaria Cr$ 1.700,00. Um século depois...

---

(3) Livro de "Notas" 3-B, fls. 36 e segs., Cartório de Noeme Jácome de Carvalho, Missão-Velha, Ceará. Não só com 2, mas com 4 netas de João Correia Arnaud, privou o professor Bernardino Gomes de Araújo, sendo que duas eram octogenárias. Jornal citado, ano de 1858, número 142.
(4) Livro de registro de Casamentos, paróquia de Missão-Velha, 1773-1810, fls. 227.
(5) Livro de Batisados, Missão-Velha, 1769-1805, fls. 50.
(6) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1765-1770, fls. 24.
(7) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1769-1805, fls. 41.
(8) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1790-1800, fls. 4.
(9) Livro citado, fls. citadas.
(10) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1795-1803, fls. 139.
(11) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1773-1810, fls. 24.

Pelo exposto, o Padre José Alexandre Correia Arnaud foi trineto de João Correia Arnaud. E perfaz o número de onze sacerdotes descendentes dêsse patriarca, quantos consegui identificar, nascidos neste Cariri, dentre êles, um monsenhor e um cônego.

O Barão de Studart refere-se, em seu Dic. Bio-Bibliográfico Cearense, a um Francisco Pereira Arnaud, que participou da Revolução Pernambucana de 1817, setor do Crato, e, proscrito, voltou depois ao Brasil em 1821 e tomou parte nas lutas da Independência. Consegui identificá-lo portando o grau de licenciado e como filho do aludido Coronel de Milícias, Alexandre Correia Arnoud, e de sua segunda mulher, Rosa Maria de Santana, baiana e filha de Manuel Madeira Pereira e Ana Maria de Jesus, também baiana. A informação encontra-se no têrmo do batisamento de Alexandre, filho do Tenente Antônio Pereira Pinto, filho, por sua vez, dos mencionados Alexandre e Rosa, tendo o dito Francisco Pereira Arnaud servido de padrinho na cerimônia religiosa. O escriba eclesiástico lhe dá o título de licenciado e o apresenta como irmão do aludido Tenente Antônio Pereira Pinto, (12) neto, portanto, de João Correia Arnaud.

Da expedição de Filgueiras a Caxias fêz parte o Comandante das Armas de Missão-Velha, Joaquim de Brito Mascarenhas (Rev. do Instituto Histórico do Brasil, 1885 t. 48, pgs. 426, 427, 428 e 449), filho do referido Capitão José Pereira Mascarenhas, (13) o filho de João Correia Arnaud e de sua mulher Isabel Maria da Purificação, tão baiana quanto o espôso. (14)

O prestígio social de que João Correia Arnaud desfrutava em Missão-Velha poderá ser aquilatado pelo fato seguinte. Dando cumprimento a um mandato da autoridade eclesiástica, o vigário o nomeou, juntamente com Antônio Lopes de Andrade, maioral da Missão do Miranda (Crato), e o doutor Manuel de São João Madeira, principal do Salamanca (Barbalha) para o estudo da técnica mais adequada à coleta dos recursos financeiros, já anteriormente determinados, exigidos pelas obras da Matriz em construção, das quais o mesmo João Correia Arnaud foi então escolhido tesoureiro. Tais ocorrências tiveram lugar no dia 2 de maio de 1763, em assembléia plena dos maiorais do Cariri, reunidos sob a presidência do vigário, na Matriz de Missão-Velha. Das deliberações lavrou-se um têrmo que recebeu as assinaturas dos presentes, deputados da população do Cariri. Depois do Vigário e do Juiz Ordinário, assina-o João Correia Arnaud.

Por julgar precioso aquele documento, transcreve-o, respeitando a redação, o estilo e a grafia do notário que o escreveu: "Têrmo do acordam que mandou fazer o Reverendo Cura vigario da vara desta Freguesia de Sam José dos Cariris Novos o Rdo. Pe. José Ferreira da Costa junto com os mays Fregueses abaycho asignados.

(12) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1795-1803.
(13) Livro de registro de Óbitos, Missão-Velha, 1810-1829.
(14) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1769-1808, fls. 59.

Aos dous dias do mes de Mayo de mil sete cento e secenta e tres annos na Matriz desta povoação de Sam José da Repartiçam dos Cariris Novos termo da Villa do Icó Capitania do Ceará Grande adonde veyo, e se acha o Reverendo Cura vigario da vara da dita Matriz, e Freguesia della o Padre José Ferreira da Costa junto com o Juiz Ordinario da mesma Povoação o coronel Antonio Lopes de Andrade, e os mays Fregueses abaycho asignados, sendo aly ex-vi dum Provimento do muito Reverendo Visitador Doutor José Virissimo Rodrigues Rangel que dito Reverendo Cura fês patente aos referidos Fregueses mandando-o lêr por mim. Escrivam abaycho nomiado no qual ordena que o dito Reverendo Cura nomiasse tres homens capazes de seus fregueses para que estes concordem cada hum com aprovação do Reverendo Parocho o melhor meyo para se cobrar em toda esta Freguesia a esmolla declarada no termo folha duas na forma do dito termo para efeito de andar a obra da Matris da dita Povoação e Freguesia, e logo nomeou o dito Reverendo Parocho o dito Juiz Ordinario Antonio Lopes de Andrade, o Doutor Manuel de Sam Joan Madeira, Capitão João Correia Arnau, os quays considerando entre sy o meyo mays facil para comodamente se fazer a referida cobrança asentarão com parecer e aprovação do mesmo Reverendo Parocho que em cada Brejo, ou Lugar dos desta dita Freguesia se elegesse hum homem de sam consciencia e tino para faser a referida cobrança cada hum no seu destrito e que o dinheiro que cada hum cobrasse entregaria a hum Thesoureyro o que logo acharão seria o Capitão João Correa Arnau, tendo em seu poder hum livro para receita das ditas esmollas e outro para as despesas dellas nos quais faria as declarações necessarias para se saber as pessoas que derão as ditas esmollas e a quantia dellas e em que se distribuirão, e logo tambem elegerão, e nomiarão para faserem as cobranças das ditas esmollas as pessoas seguintes: Nesta Povoação de Sam José e seus arebaldes o Alferes Caetano Gonçalves de Souza, na Missão Nova e seu distrito o Alferes Gonçalo Coelho de Sam Paio no Brejo do Salamanca e seu distrito ao Capitão Luis da Rocha Pitta, no Brejo do Miranda e seu distrito o Capitão Francisco Gomes de Melo, no Brejo de Porteiras e seu distrito, a Manuel Gonçalves Ferreira, na Ribeira do Riacho dos Porcos ,e Antonio Gonçalves Dantas, no Ryo Salgado Manuel Pinheyro, na Serra ao Alferes Domingos Gonçalves, cujas cobranças se entrariam logo a faser por ser campativel... cada hum dos moradores eleytos... faser as ditas cobranças, e como asim se ajustam e acordam, mandou o dito Reverendo Cura faser este termo de acordam em que se asignou com outros deputados o dito coronel Juis Ordinario Antonio Lopes de Andrade, o Doutor Manuel de Sam Joam Madeyra e o Capitão Joam Correa Arnau com mais fregueses abaycho asignados, e eu Roque Correa Marreiros, Escrivam que escrevy — José Ferr. da Costa, Cura e Vig. da Vara — Antonio Lopes de Andrade — João Ca. Arnaut — Manuel de S. João Madrª — Pe. José Gomes Barreto — Caetano Gonçalves de Sousa — José de Caldas

Costa — José Pais Landim — Antonio do F. Vianna — João Bernardo de Morais — Manuel Soares dos Santos — Alexandre Correa Arnaut — Pedro Lobo de Almeida — Gonçalo Paz Roriz Quaresma — Joaquim Soares dos Santos — Joaquim de Castro — Jeronimo de Castro Pereira" (Livro das Eleições dos Procuradores da Obra da Matriz da Povoação de S. José dos Cariris Novos, fls. 3 e 4).

O escriba dêsse documento só associou título militar a quem o possuía, por exemplo, o de Capitão a João Correia Arnaud, patente que Antônio Bezerra pôs em dúvida (Algumas Orígens do Ceará), como se não pudesse ter conseguido para si quem obteve títulos militares para os filhos.

Alguns dos personagens, que firmaram aquêle documento com João Correia Arnaud, destacam-se na história da formação do Cariri. Alexandre Correia Arnaud é o coronel de Milícias citado nêste trabalho. José Pais Landim, alagoano, fundou a família Landim dêste Cariri, onde já se achava desde o ano de 1731. (15) Doutor Manuel de Madeira, avô paterno de Joaquim Pinto Madeira, que levantou esta região contra a Regência e foi fuzilado em Crato, 28.11.1834. Antônio Lopes de Andrade, português, ascendente da tradicional e prestigiosa família Esmeraldo, de Crato (16), onde aparece fixado, já, em 1737 (17), foi nomeado Coronel de Milícias quando da criação dessa vila (João Brígido, O Ceará). No curso do documento em foco, citam-se outros nomes: Capitão Francisco Gomes de Melo, Alferes Gonçalo Coelho de Sampaio, Capitão Luís da Rocha Pita, Antônio Gonçalves Dantas. Filho do Alferes Simão Cabral de Melo, pernambucano imigrado em Crato em seus primórdios, o Capitão Francisco Gomes de Melo se viu escolhido juiz ordinário quando da inauguração daquela vila, onde faleceu, 4.8.1807 aos 84 anos de idade. (18) Luís da Rocha Pita (capitão), baiano, um dos fundadores de Barbalha, casou um filho com uma filha do Abraão dêsse rincão, capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, sergipano, e ainda tem, na terra barbalhense, numerosos descendentes, os Espirito Santo Correia, por exemplo. (19) Baiano de Canabrava, hoje município de Curaçá, e fixado em Missão-Velha, sítio Juazeiro, na primeira metade do século 18, o Alferes Gonçalo Coelho de Sampaio é tronco dos Correia e dos Coelho de Barbalha, e dos Sampaio do Cariri e do vizinho sertão pernambucano (20), aqui, os Filgueiras Sampaio.

João Correa Arnaud, coimbrão, e s. m. Isabel de Brito Correa não foram os pais do Capitão João Correia Arnaud, o patriarca de Missão-Velha, conforme se suspeitou, porém João Correia de Brito e s. m. Micia de Figueiredo Mascarenhas. Prova-o o documento que passo a

(15) Livro de registro de Batisados e Casamentos, Icó, 1727-1774, fls. 7.
(16) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1748-1764, fls. 99.
(17) Livro de registro de Batisados e Casamentos, Icó, 1727-1774, fls. ...
(18) Livro de registro de Óbitos, paróquia de Crato, 1805-1819, fls. 119.
(19) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1765-1770, fls. 23.
(20) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1765-1770, fls. 18.

transcrever, o qual só poderia ser desmentido pelo registro de nascimento dêsse ilustre Arnaud: "Aos sete dias do mes de janeiro de mil setecentos e secenta e oito, pela manhã, em esta Igreja Matriz de São José dos Cariris Novos, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concilio Tridentino nesta Igreja onde os contraentes são moradores, sendo dispensados no segundo e terceiro graus de consanguinidade, pelo senhor Visitador José Teixeira de Azevêdo, estando de visita nesta Freguezia, como melhor se vê pela sentença de dispensa e mandados de casamento passados pelo dito Senhor, e tendo dado fiança a banhos e certidões de batismo das suas naturalidades como se faz constar dos Autos que se acham no Cartório da Vara da Freguezia, sem descobrir impedimento algum como consta da certidão dos banhos que ficam em meu poder com os mais documentos em presença de mim José Ferreira da Costa, Cura da dita Igreja e sendo presentes por testemunhas o Capitão João Correia Arnaud e Capitão Antônio Felix de Figueiredo Mascarenhas, pessoas conhecidas, se receberam em face da Igreja solenemente por palavras de presente o Alferes Francisco Pereira de Abreu, natural de Jacobina e morador nesta Freguezia de São José dos Cariris Novos, filho do Capitão João Correia Arnaut (21) e sua mulher Isabel Maria da Purificação, já defunta, naturais do Arcebispado da Bahia, neto paterno de João Correia de Brito e de sua mulher D. Micia de Figueiredo Mascarenhas; neto materno do Capitão José Pereira Mascarenhas e de sua mulher D. Margarida de Figueiredo, naturais do Arcebispado da Bahia — com D. Inacia Pereira de Jesus, natural da Freguesia de São João da Agoa Fria do mesmo Arcebispado da Bahia e moradora neste Arraial de São José, filha do Capitão Antônio Pinto de Abreu e de sua mulher D. Inácia Pereira de Jesus, já defuntos, naturais do mesmo Arcebispado; neta paterna de Gaspar Pinto de Abreu, natural de Portugal, e de sua mulher D. Missias de Brito Gondim; neta materna do Capitão José Pereira Mascarenhas e de sua mulher Margarida Daguirre, todos naturais do sobredito Arcebispado da Bahia, e logo lhes dei as bençãos conforme os ritos da Santa Madre Igreja, examinados na doutrina christã; de que eu José Ferreira da Costa Cura dos Cariris Novos fiz este termo aos sete dias do mes de Janeiro de mil sete centos e secenta e oito annos para constar que por verdade asignei com as testemunhas acima declaradas — José Ferreira da Costa Cura e Vigario da Vara dos Cariris Novos. Antonio Felix de Figueiredo Mascarenhas — João Correia Arnaut". (22)

Embora beirando o túmulo, a letra de João Correia Arnaud é firme e trai um caráter enérgico e senhor de si mesmo. Realmente, êle estava à margem da sepultura quando subscreveu o registro do casamento

(21) João Correia Arnaud era natural da freguesia do Divino Espírito Santo de Inhambupe- — Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1768-1805, f. 30.
(22) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1765-1770, fls. 24.

do filho, pois aos 22 de julho do ano de 1770 era defunto. (23) Portanto, não faleceu em 1771, segundo escreveu o Barão de Studart em "Datas e Fatos para a História do Ceará", p. 30.

Arnau de Olanda Correa, Sargento-mor e, depois, primeiro Capitão-mor do Crato, não tinha Cavalcante. Aparece seu nome sem Cavalcante na escrita paroquial de Icó e Missão-Velha. Acolá, nos registros de batisados de seus filhos José e Laura, ao tempo em que residia no Riacho dos Jucás (24), então casado com Francisca Alves Feitosa, filha de João Cavalcante e sua mulher Maria, que, por sua vez, era filha do Coronel Francisco Alves Feitosa, tronco da família Feitosa dos Inhamuns cearenses. (25) Em Missão Velha, no registro do batisado de Vitorino, cerimônia em que êle, Arnau, serviu de padrinho (26) então domiciliado em Brejo Grande, que evoluiria para Santanópole. Sua assinatura, do punho próprio, está na ata de uma convenção entre caririenses, feita em Missão-Velha no ano de 1762, e relacionada com a construção da igreja paroquial.

O documento derime qualquer dúvida. Faço a transcrição, na qual se vê que Arnau de Olanda Correia exercia nesse ano o cargo de juiz ordinário: "Termo do Acordam que fiseram os freguezes desta Povoação de Sam José dos Cariris Novos, no lugar de sua Matriz".

"Aos dous dias do mez de Mayo de mil setecentos e secenta e dous annos nesta Povoação de Sam José dos Cariris Novos termo da Vila do Icó Capitania do Ceará Grande, dentro da Matriz della onde se achava o Reverendo Cura e Vigario da Vara da dita Freguesia de Sam José o licenciado Gonçalo Coelho de Lemos junto com o Juiz Ordinario della Sargento Mor Arnau de Olanda Correa e os freguezes moradores na dita Povoação e sendo aly presente o dito Reverendo Vigario o qual lhes expoz a grande necessidade que havia de concorrerem todos com suas esmollas para a factura da dita Matriz já principiada, assentarão, concordarão todos por si sem que para isto interviesse o dito Reverendo Vigario que para continuar a dita Obra, era bem que todos se fintassem a pagar annualmente huma esmolla a saber os senhores de Fazenda se obrigavam a pagar dez tostões cada anno, os Senhores de Engenho dez tostões, os homens casados de Familia seiscentos e quarenta reis, a que chamão cabeça de casal, e os solteyros emancipados e viuvas a tresentos e vinte, a que tudo asim se obrigarão os ditos fregueses a satisfaser por sua pessoa e bens sem que fosse necesario contenda de justiça além de ser a mesma gratuita, e para clareza de tudo eu Roque Correa Marreiros Tabelliam Publico do Judicial e Notas desta mesma Repartição fis este termo em que asygna o dito

(23) No registro do batisado de sua neta Isabel, filha do capitão José Pereira Mascarennas, João Correia Arnaud é dado como defunto. O batisado teve lugar em 22 de julho de 1770. Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1769-1805, fl. 55.

(24) Livro de fragmentos de registro de Batisados e Casamentos, Icó, 1741-1773.

(25) Tratado Genealógico da Familia Feitosa — Leonardo Feitosa — Tipografia Paulino — Fortaleza-Ceará.

(26) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1748-1764, f. 23.

Reverendo Cura e Vigario da Vara, e os mais fregueses abaycho nomeados com o dito juis ordinario. O sobredito escrivam escrevy. Gonçalo Coelho de Lemos. Arnau de Olanda Correa. João Correa Arnaut. João Gomes Leitão. Manuel Alvares de Mattos. Antonio Dias de Oliveira. Miguel Gonçalves Pereira. Desiderio Vieira da Cruz. Manuel de Jesus. João Bernardes de Morais. Antonio José de Torres Roza. Luiz Pereira de Magalhães. Manuel Soares do Couto. José Antonio de Santana. Domingos Alvares de Matos. Francisco da Cruz. Cristovam Correa da Silva. Francisco Gomes Viana. Eloy Pedro da Cruz. Francisco Xavier das Chagas. Antonio Geraldo Serafim. José Victor Modesto. Capm. João Mendes Lobato". (Livro dos Termos de Acordãos da Obra da Matriz de Sam José dos Cariris Novos, ps. 1, 2 e 3).

Em 5 do mês de agosto de 1803 o primeiro Capitão-mor do Crato (nomeado em 1765, O Ceará· João Brígido), o citado Arnau de Olanda Correia, já não era do número dos vivos, porque, naquela data, José Pereira Filgueiras, seu sucessor imediato no dito cargo, aparece com êsse título no registro de seu primeiro casamento. (27)

Arnau de Olanda Cavalcante, que alguns confundem com o mencionado Arnau de Olanda Correia, era neto paterno dêste último, através do capitão-mor José de Olanda Cavalcante, senhor do "Engenho Monte Alegre" (Crato), tendo nascido, 7.6.1746, e falecido em 1796, nêsse Engenho, deixando os seguintes filhos: o referido Arnau de Olanda Cavalcante (capitão), Alexandre de Olanda Cavalcante, Ana Rota de Olanda e José de Olanda Cavalcante, os quais herdaram o mesmo Engenho. (28)

A título de ilustração transcrevo um termo de convenção atinente à Matriz de Missão-Velha, redigido do próprio punho do então Sargento-mor José Alexandre Correia Arnaud, mais duma vez referido no curso destas notas, como neto paterno do Capitão João Correia Arnaud, e cuja influência, no mundo oficial, dividiu o Cariri em duas circunscrições municipais e militares com a criação (1814) da vila e capitania mor de Jardim, desmembrados de suas congêneres de Crato, solução encontrada pelo governo para adormecer a rivalidade entre êsse sargento-mor e o capitão-mor José Pereira Filgueiras, os quais se disputavam a hegemonia do prestígio político sôbre êste Cariri, de que o segundo era o Capitão-mor com séde oficial em Crato e residência particular em Barbalha, sítio São Paulo, herdado de seu primeiro sogro, o baiano e Mestre-de-campo, Manuel Gonçalves Parente. Eis o documento:

"Têrmo do acordão que fis para a eleição dos Procuradores das esmolas e obras da Matris de São José dos Cariris Novos, e para o mais que nelle se declara".

(27) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1773-1810, f. 116.
(28) Livro de Notas, 1796-1798, fs. 11 e segs. Primeiro Cartório, Antônio Machado — Crato-Ceará — Livro de Registros e Casamentos, Icó, 1741-1784.

"Em primeiro do mes de Janeyro de mil sette centos e noventa e hum, nesta Igreja Matris de São José dos Cariris Novos... a que presidiu o muito Reverendo Vigario da Vara o Sr. André da Silva Brandão, acordarão conformemente, que, atendendo as dificuldades e moras que tem aparecido no progresso desta dita Matris, cada hum dos paroquianos seria obrigado a vir trabalhar nas obras da ereção della com seus escravos, como cada tambem com zelo e caridade a seos colonos e vizinhos, huma semana annualmente, para o que teria cuidado o administrador em faser huma pauta em que repartidamente, declare o dia consignado para se acharem promptos desde o primeiro de junho sucessivamente até o fim do dito, cuja pauta pregada em huma taboa, se porá na porta da Matris para a todos constar a semana que lhes convem; para o que elegerão procuradores ao Capitão Domingos Pais Landim, Tenente Gregorio Pereira Pinto, Tenente João de Oliveira Rocha, José Alexandre Correia Arnaut, Antonio José de Carvalho, e assim mais acordarão que o administrador o Sargento-Mor Francisco Roberto de Menezes tomaria a seu cuidado nomear e convocar a Antonio José morador no sitio Pau Seco, e na sua falta outro adestrado em serviço para feitorar as obras *in totum* arbitrando-lhe salário proporcionado á sobredita feitoria. Do que fis êste termo em que asignou o muito Reverendo Senhor Vigario da Vara e cura com os mais paroquianos, que, presentes estavam, e eu José Alexandre Correia Arnaut escrevão eleito escrevy: André da Silva Brandão. Paroco Presidente.

José Quezado Fylgueiras. Manuel Gonçalves Parente. Joaquim Cavalcante de Albuquerque. Manuel Cardoso Viana. Joaquim Manuel de Sá Colaço. Manuel Ribeiro da Costa, José Custodio Correia. Jozé Batista. João Machado. João Bernardes da Silva Pereira. Domingos Pais Landim. Manuel Jozé da Costa. Manuel Prudente do Espirito Santo. João Farias Vasconcelos. Manuel Gomes de Lima. Antonio da Cruz Neves. João Tavares Muniz. Vicente Joaquim Pereira da Costa. Manuel Pais Landim. Gregorio Pereira Pinto. Jozé Barbosa do Nascimento. João de Oliveira Rocha. José Pereira Mascarenhas. José Pereira dos Santos. Bartolomeu Martins. Luis da Rocha Pita. José Pereira Mascarenhas". (Livro cit. f. 6 e verso).

Incisiva, enérgica, de traços francos e harmoniosos, a letra de José Alexandre Correia Arnaud trai um espírito elástico, empreendedor e resoluto. Que o diga a habilidade com que golpeou Filgueiras, conseguindo a criação da vila de Jardim, vitória que alcançou pessoalmente junto à Côrte no Rio de Janeiro, quando, por igual, obteve, para sua pessoa, a função de capitão-mor da nova vila a inaugurar-se, cargo que não chegou a assumir porque a morte o surpreendeu.

Chegou a possuir, êsse neto de João Correia Arnaud, 15 fazendas de criar, na Ribeira do Riacho dos Porcos e no rio Salgado (29), bem

(29) Datas e sesmarias, Estado do Ceará, 8º volume, pags. 208, 209 e 210 — Livro de Notas, 1, Cartório, de Antônio Machado, Crato-Ceará.

como os sítios "Lagoa e Missão-Velha-Cachoeira" nos vales de Barbalha e Missão-Velha, e, ainda, duas fazendas no Rio do Peixe, Paraíba, conforme constatei no cartório de Pombal.

Casado uma só vêz, José Alexandre Correia Arnaud teve por esposa Da. Paula Teresa Marreiros da Silva (30), natural do Recife, como seus pais, Pedro Luís Marreiros e Maria de Nazaré Marreiros, da respeitável estirpe dos Marreiros, chegados ao Recife na segunda metade do século 16, vocacionados para as funções de notário público. Em junho de 1593, Luís Marreiros era tabelião de Olinda. (31) Luís Marreiros de Sá exercia idêntica função na vila de Fortaleza, Ceará, no ano de 1756. (32)

Um neto materno de José Alexandre Correia Arnaud, Dr. José Tomás Arnaud, bacharel, filho de Joana de Santa Pulquéria Correia Arnaud e o Capitão João Tomás Nobre de Sousa Rocha Formiga, de Pombal, Paraíba (33), foi candidato a deputado provincial pelo Ceará e exerceu o cargo de promotor público da cidade paraibana de Sousa, outrora Jardim do Rio do Peixe. (34)

Nas veias de Rocha, Pires Ferreira e Formiga do oeste da Paraíba corre muito sangue dos Arnaud de Missão-Velha, os quais se casaram naquelas famílias, reiteradamente, à igual de Pinheiro Bezerra de Meneses, de Crato.

Em 1811, José Alexandre Correia Arnaud detinha o cargo de Juiz de Órfãos de Crato, como se vê da sentença proferida nos autos do inventário de Da. Inácia Pereira de Jesus:

"Achei por justificado e deduzido no requerimento do justificante, e o julgo assim por minha sentença definitiva que mando se cumpra, como nella se contem, salvo sempre o prejuizo dos orfãos, quando o haja; pague o justificante as custas deste sumario, que se juntará aos autos do inventario respectivo.

Real Villa do Crato, 18 de janeiro de 1811. José Alexandre Correia Arnaut".

Como causa da rivalidade entre José Alexandre Correia Arnaud e José Pereira Filgueiras já se apontou o fuzilamento dum sobrinho do último pelo cabo Francisco Calado e sua gente, afeiçoados ao primeiro. Mas a verdade é que o sangrento episódio, absolutamente impremeditado, apenas antecipou e apressou, casual e indiretamente, o desfecho duma situação em marcha surda, de que a proteção dispensada por José Alexandre aos fuziladores do sobrinho de Filgueiras, foi uma manifestação aberta e gritante. A situação em marcha surda era a rivalidade que já lavrava entre ambos, e cujo resultado final se afirmou pela perda, para Filgueiras, da jurisdição militar sôbre metade do

(30) Livro de registro de Batisados, Missão-Velha, 1795-1803, fs. 139.
(31) F. A. Pereira da Costa, Anais Pernambucanos, pg. 52, Vol. 11, Recife, 1952.
(32) Antônio Bezerra, Algumas Origens do Ceará, p. 15.
(33) Livro de registro de Casamentos, Missão-Velha, 1810-1829, f. ...
(34) "O Araripe", J. Brígido, Crato-Ceará.

Cariri, com a criação da vila de Jardim e sua respectiva capitania-mor, iniciativa do mesmo José Alexandre, como se viu, desenvolvida pessoalmente no Rio de Janeiro, junto ao mundo oficial do Príncipe D. João, tendo, do mesmo passo, conseguido, para sua pessoa, o cargo de capitão-mor daquela vila.

Vencido no Ceará, onde o Governador, Manuel Inácio Sampaio, se inclinara por Filgueiras, José Alexandre Correia Arnaud revida com aquêle golpe, revelador da inteligência, argúcia, tenacidade e decisão de seu autor, bela expressão da estirpe dos Arnaud deste Cariri. (35)

Enquanto relutava em se entregar à tropa comandada pelo Cabo Francisco Calado, que o cercara no seu sítio Cantagalo, Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior, Gonçalinho, despachou Joaquim Inácio para o sítio S. Paulo com aviso a Filgueiras. Cavalgando para Cantagalo, Fil-

(35) A propósito do cruento episódio policial em que perdeu a vida o sobrinho de Filgueiras, Joaquim Inácio dos Santos, que, acompanhado daquele tio, tentara pela violência, libertar seu cunhado, Gonçalo de Oliveira Rocha, Gonçalinho, o estro popular ergueu uma gesta a Filgueiras, o qual, diante do fuzilamento do impulsivo sobrinho, abatera, a tiro do bacamarte do morto, a um dos elementos da escolta, que conduzia Gonçalinho prêso, e mais dois a coronhe da arma ainda fumegante.

Transcrevo a gesta, a qual Pedro Calmon cita de "Cantos populares do Brasil", de Sílvio Romero, e, erròneamente, situa como acontecimento pertencente à crônica da Confederação do Equador, setor do Ceará, e o refere ao Padre Mororó:

O que tens, Joaquim Inácio,
Que de dores vens mudado?
— "Meu cunhado Gonçalinho
Foi prêso pelo Calado"

O Filgueiras assim que soube,
Mandou chegar seu cavalo.
E correu á redea solta
Em busca do "Cantagalo"
Foi chegando e foi dizendo
Com a sua mansidão:
"Quero o meu sobrinho solto
Que o vejo na prisão".

Responde o cabo da tropa
Por ser homem malcriado:
"Seu sobrinho ha de ser solto
Depois de eu morto, ou picado"

Respondeu Joaquim Inacio
Com a sua opinião:
"Meu tio peça favor
A gente, a tapuio não"!

Puseram uma pistola
Nos peitos de Joaquim Inacio;
A bala entrou pela frente
Foi sair no espinhaço.

Filgueiras com esta ação
Ficou muito estomagado,
Passou mão no bacamarte
P'ra derrubar o Calado.
O mulato João de Brito,
Mulato de estimação,
Nos galhos dos marmeleiros
Lá deixou seu mandrião.

"O que tens, José Luis,
Que de trajes vens mudado"?
— Com o repuxo do Filgueiras
Saí todo escangalhado..."

gueiras e Joaquim Inácio toparam a escolta de Calado em Missão Nova, conduzindo Gonçalinho em amarras. Filgueiras exigiu a liberdade do prêso. Resistindo Calado, acendeu-se a discussão, em cujo curso Joaquim Inácio saltou do cavalo, cortou as amarras ao prêso e tombou fulminado pelas balas da escolta, que perdeu três elementos, abatidos por Filgueiras, enquanto os demais encontraram na fuga a salvação. De passagem, acentue-se que o cabo Calado prendera Gonçalinho, oficialmente autorizado.

Ao versar o assunto, Bernardino Gomes e João Brígido, igualmente equivocados, tomaram Joaquim Inácio Cardoso por Joaquim Inácio dos Santos, ou fôsse o filho pelo pai, pois o primeiro era filho do segundo, êste o fuzilado e filho duma irmã de Filgueiras, Da. Leocádia Pereira de Castro, baiana, e de seu marido, Manuel Cardoso Viana, ou dos Santos, português e tronco dos Cardoso do Cariri. Nem Joaquim Inácio dos Santos teve irmã casada com Gonçalinho, como assevera ainda João Brígido, mas o inverso é que ocorreu. Joana Maria do Espírito Santo, irmã de Gonçalinho, ou Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior, era a esposa de Joaquim Inácio dos Santos quando êle foi assassinado, casando-se ela, depois, com Romão Pereira Filgueiras, irmão do Capitão-mor José Pereira Filgueiras e ascendente de Filgueiras Sampaio do Cariri e Pernambuco acolá, do coronel Francisco Romão Filgueiras ou Chico Romão de Serrita.

Gonçalinho foi casado com uma sobrinha daquêle capitão-mor, Da. Joana Joaquina Pereira Filgueiras de Oliveira Rocha, filha duma irmã de Filgueiras, Da. Francisca Teodora da Conceição, e de seu primeiro esposo, José Inácio dos Santos de Oliveira Brito.

Vê-se que Filgueiras, Cardoso e Oliveira Rocha formavam um clã, em que se deve incluir os Martins de Morais, pois Gonçalinho e a referida Joana Maria do Espírito Santo eram netos do Capitão Bartolomeu Martins de Morais, fundador da Família Martins de Morais desta região, setor da Ribeira do Riacho dos Porcos.

Tronco no Cariri, dos Oliveira Rocha, Bento de Oliveira Rocha, português, legou a esta zona uma descendência vigorosa, cujo concurso foi respeitável, na formação das raízes históricas de Missão-Velha, Milagres, e, sobretudo, de Brejo Santo, do qual Gonçalo de Oliveira Rocha, filho daquele Bento, e pai do citado Gonçalinho, foi co-fundador, sediado na fazenda "Nascença", de sua propriedade, à beira dos brejais que orlam a sede dêsse último Município, denominados "Brejo da Barbosa".

Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior era mandão e truculento. Escapo do incidente sangrento de Missão Nova, tombou, em 1824 sob a ação de balas policiais naquele mesmo sítio de Cantagalo e, já, então, titulado de capitão. Seus filhos homens, ao todo, cinco, os Oliveira Santos lhe herdaram o sítio-fazenda "Nascença", citada, e, com êle, o mandonismo e a truculência, pois se constituíram, por longos anos,

o terror dessa gleba caririense, outrora Brejo dos Santos — Santos, do nome dêles — hoje mudado para Brejo Santo por que a denominação anterior despertava sinistra evocação. Na quinta década do século passado, Manuel de Jesus da Conceição Cunha, chefe político de Milagres, com funções judiciais e policiais, destroçou os Oliveira Santos, em seu reduto de "Nascença". Já neste século, seus descendentes, em geral pacíficos e operosos, têm ocupado, algumas vezes, a direção dos destinos políticos e administrativos de Brejo Santo e Milagres.

O canto de cisne do complexo da truculência de Gonçalinho teve expressão nítida em seu bisneto, Francisco Pereira de Lucena, Chico Chicote, que, acastelado na casa de seu sítio "Guaribas", do município de Porteiras, resistiu, de 2 a 3 de fevereiro de 1927, pelo espaço de 32 horas seguidas, ao fogo, concentrado e ininterrupto, de 300 fuzis manobrados pela polícia do Ceará, Pernambuco e Paraíba. Dos três homens que o auxiliavam na resistência, dois tombaram e o outro fugiu, logo no primeiro dia de luta, e eram: Joaquim Ferreira, Manuel Caipora e Manuel Gavião, todos capangas. A sós, lutou 14 horas, servindo-se de dois rifles, revezados á medida que subiam de temperatura, que uma jovem filha do admirável lutador neutralizava numa vasilha com água, até que caiu com uma das pernas varada de bala. A casa foi tomada palmo a palmo. Seu dono, já com o ante-braço esquerdo neutralizado por ferimento e dispondo apenas de um único cartucho, recuou para a alcôva e fez o último disparo no primeiro policial que transpôs a soleira dêsse cômodo. Foi chacinado pela soldadesca enfurecida, 103 anos depois do bisavô, Gonçalinho. Também, às mãos da polícia...

CRATO, junho de 1953.

P. S. — No curso dêsse trabalho há documentos a que Irineu Pinheiro se refere em seus "O CARIRI" e "EFEMÉRIDES DO CARIRI", fontes, estas últimas, de que não me sirvo aqui. Aconteceu que, enquanto o autor escrevia essas duas obras, eu fornecia-lhe documentos, colhidos na Cúria Cratense, numa cooperação que se alongou por dez (10) anos. Assim, entre minhas e suas referências, existem mera coincidencia, pois bebemos da mesma fonte, no caso em foco.

P. A. G. A.